

► A escola, a adolescência e a formação dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários portugueses sobre sexualidade

Manuel Brás¹, M. Henriqueta Figueiredo², M. Manuela Ferreira³ & Ana Sofia Coelho⁴

¹Escola Superior de Saúde de Bragança - Instituto Politécnico de Bragança. Professor adjunto, PhD. Enfermeiro especialista em enfermagem comunitária, CINTESIS e NII.

²Escola Superior de Enfermagem do Porto. Professora Coordenadora, PhD. Enfermeira especialista em enfermagem comunitária, CINTESIS

³Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Professora Coordenadora, PhD. Enfermeira especialista em enfermagem de saúde pública, UICISA-dE

⁴Unidade Local de Saúde do Nordeste - Bragança. Enfermeira especialista em enfermagem comunitária. Mestre em enfermagem de saúde pública.

Contacto: mambras@gmail.com • henriqueta@esenf.pt • mfrederico@esenf.pt • ana.s.coelho@hotmail.com

Resumo

Introdução: A saúde e o bem-estar dos adolescentes são hoje evidenciados como determinantes do desenvolvimento humano, a afetividade, a formação de personalidades moral e socialmente sólidas relativamente à sexualidade, passam por atitudes pedagógicas, particularmente na adolescência, porque podem influenciar a saúde (Moura 1992). Promover a compreensão da sexualidade é tão imperativo, que seria inconcebível deixar ao acaso (Young 1995; Prazeres 1998). Se este processo adolescente decorrer de forma saudável, a sexualidade evoluirá sem grandes receios e ansiedades (Sampaio 2006). **Metodologia:** Quantitativa, amostra aleatória composta por 1735 enfermeiros que exerciam em 226 centros de saúde de Portugal. Colheita de dados feita por questionário, respeitando as considerações éticas. **RESULTADOS:** Dos enfermeiros (67,3%), considera que a escola não lhe proporcionou formação sobre sexualidade. Enfermeiros dos Açores (56,1%), Madeira (38,4%) e Sub-regiões Saúde Viana Castelo (48,8%), Porto (41,6%), Lisboa (35,4%), Guarda (34,7%), Castelo Branco (32,7%) apresentam percentagens superiores à média relativamente à formação sobre sexualidade. Análise replicada às Regiões de Saúde, permite inferir que os enfermeiros do Norte (36,3%), Açores (56,1%) e Madeira (38,4%) sugerem ter recebido formação sobre sexualidade. **Discussão:** Enfermeiros com formação sobre sexualidade, têm idades entre 22-30 anos. Da análise estatística ($p < 0,01$) podemos inferir que a formação sobre sexualidade dos enfermeiros, não é independente da escola frequentada, nem da Sub-região ($p < 0,001$) e Região de Saúde ($p < 0,001$) onde trabalham.

Conclusão: Enfermeiros com 22-30 anos têm 2,736 vezes mais probabilidades da escola lhes ter proporcionado formação sobre sexualidade que enfermeiros com idades entre 31-68 anos. Enfermeiros de escolas privadas apresentam 1,367 vezes maiores probabilidades de ter recebido formação sobre sexualidade que os das escolas públicas. Educação afectivo-sexual deve entender-se como direito de todos, colaborando a família, a escola e a saúde pelo que é imperativo que as escolas repensem os seus programas nesta área.

Palavras-Chave: Adolescência, sexualidade, enfermeiros, formação, CSP.

Abstract

Introduction: Nowadays, the health and well-being of adolescents are shown to be determinants of human development. The affectivity, the building of morally and socially strong personalities relative to sexuality, undergo educational attitudes, particularly in adolescence, because they can influence health (Moura 1992). Promoting the understanding of sexuality is so imperative, that it would be inconceivable to leave it to happen by chance (Young 1995; Prazeres 1998). If this adolescent process occurs in a healthy way, sexuality will evolve without major fears and anxieties (Sampaio 2006). **Methodology:** Quantitative, random sample of 1735 nurses, who worked in 226 health centres in Portugal. Data collection was done by questionnaire, respecting ethical considerations. **Results:** 67.3% of the nurses believed that the school did not provide training on sexuality. Nurses from Açores (56.1%), Madeira (38.4%) and Health Sub-regions of Viana do Castelo (48.8%), Porto (41.6%), Lisboa (35.4%), Guarda (34.7%) and Castelo Branco (32.7%) had higher percentages than average with regard to sexual education. Analysis applied to the Health Regions, infer that nurses from the North (36.3%), Açores (56.1%) and Madeira (38.4%) should have had training about sexuality. **Discussion:** Nurses with training about sexuality, are aged between 22-30 years-old. From the statistical analysis ($p < 0,01$) we can infer that the sexual education of nurses is not independent of school attended, or the Sub-regions ($p < 0.001$) and Health Region ($p < 0.001$) in which they work. **Conclusion:** Nurses with 22-30 years-old are 2.736 times more likely to have had training about sexuality provided in school than nurses aged 31-68. Nurses from private schools are 1.367 times more likely to have received training about sexuality than those from public schools. Affective and sexual education should be understood as a right for all, and the contribution of family, school and the health services is very importante. Given the above information, it is imperative that schools rethink their programs in this area.

Keywords: Adolescent sexuality, nurses, training, primary care.

Introdução

A adolescência e a sexualidade reclamam cada dia mais a atenção de todas as pessoas, visto ser uma problemática que pode atingir proporções que afetam o jovem, o grupo de pares os pais, a família, os professores, os profissionais de saúde e a sociedade em geral.

A adolescência, que literalmente significa “*amadurecer para ser adulto*”, geralmente é considerada como um processo psicológico, social e de maturação que se inicia com as mudanças pubertárias. Sendo um período da vida que apresenta problemas específicos de harmonia, ativada pelas mudanças internas e pressões sociais, o jovem deve contudo evoluir no cami-

nho da independência. A discussão e reflexão acerca da sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro configuram uma possibilidade de instrumentalização dos estudantes para lidarem com as diversas questões que a sexualidade pode suscitar no cotidiano do cuidar em enfermagem, bem como realizá-lo de forma mais tranquila e despida de dúvidas e constrangimentos (Sehnm et al. 2013). A atividade sexual dos adolescentes é uma realidade que pais e educadores e profissionais de saúde devem ter em apreço e não descurar (Navarro 1995; Andrade 1996; Sampaio 2006; Brás 2008; Sehm et al. 2013). O grupo de amigos consolida-se e há uma procura nas relações afetivas. A rivalidade grupal desaparece e, doravante, a afetividade heterossexual (ou não) é o ponto dinamizador da sexualidade dos adolescentes. No grupo de adolescentes, a educação sexual deve estar orientada para a maturação psicosssexual, afetos, contracepção e planejamento familiar (Sampaio 2006; Sehnm et al. 2013).

Os profissionais de saúde devem proporcionar um clima que favoreça o diálogo, que permita dinamizar e estabilizar as diferentes opiniões, pois a sexualidade de cada um não deverá ser avaliada em termos dos padrões da moral dominantes (Serrão e Nunes 1998). O realce da educação sexual deve ser colocado na igualdade dos papéis sexuais, na tolerância face ao pluralismo de orientações e condutas sexuais. É nesta atmosfera de igualdade que os sentimentos de responsabilidade e autonomia se devem fortalecer (Serrão e Nunes 1998; Grande 1999; Sampaio 2006; Sehnm et al. 2013). Independentemente da forma como a sexualidade dos estudantes (de enfermagem) foi tratada ao longo da infância e adolescência, a escola não pode nem deve omitir ou marginalizar a discussão da sexualidade humana, se objetivamente tem como compromisso formar profissionais de qualidade que tenham do ser humano uma visão profundamente holística, quer no âmbito da sua atuação quer relativamente ao seu autoconhecimento, como seres que se relacionam (Brêtas, Ohara e Querino 2008). Pelo que em nossa opinião, compreender a sexualidade, nossa e dos outros, se constitui como um aspeto da vida de tal forma imperativa e importante que não seria concebível que o seu conhecimento pudesse ser deixado à sorte (Young 1995; Brás 2008; Sehnm et al. 2013). Se, todo o processo adolescente ocorrer nesta esfera, de forma saudável, podemos dizer que a sexualidade do jovem irá evoluir sem grandes sobressaltos, receios, ansiedades ou reboliços (Prazeres 1998; Sampaio 2006; Brás 2008).

Metodologia

Tendo como pano de fundo a sexualidade na adolescência, em particular a formação que as escolas proporcionam aos enfermeiros sobre esta esfera, aquando da sua formação de base. E definindo como principais objetivos: identificar a formação sobre sexualidade proporcionada pela escola aos enfermeiros que exerciam atividade em Cuidados de Saúde Primários (CSP) e relacionar esta formação com outras variáveis. Optamos por um estudo observacional descritivo transversal e correlacional de desenho quantitativo. PARTICIPANTES: Trata-se de um processo de amostragem probabilística, amostra aleatória simples, população de 5735 enfermeiros que exerciam atividade em CSP no final da 1.ª década do século XXI e que voluntariamente aceitaram participar no estudo. Trabalhamos com um erro amostral de 2,12% tendo obtido uma amostra de 1848 enfermeiros (excluímos 113 questionários) restaram 1735 enfermeiros de 226 centros de saúde de Portugal Continental e regiões autónomas, Madeira e Açores, que constituíram a nossa amostra. INSTRUMENTOS: Para a colheita de dados utilizamos um questionário, com questões fechadas e semiabertas, escala e cenário e ainda uma escala: A *perspecti-*

va dos enfermeiros dos CSP sobre a sexualidade na adolescência. PROCEDIMENTOS: O instrumento utilizado para recolha de dados foi previamente testado com o objetivo de avaliar o seu grau de explicitação e compreensão das questões (Quivy e Campenhout 1992). Houve a necessidade de reformular duas questões. O tempo médio de preenchimento, foi de cinquenta e cinco minutos. As instituições foram contactadas através dos seus coordenadores e secretários regionais, de forma a obter o apoio e autorizações necessárias. O pedido foi acompanhado do instrumento de colheita de dados, objetivos e metodologia de investigação. Foram levados em consideração todos os pressupostos no âmbito da investigação com seres humanos. A organização, apresentação e análise dos dados foram realizados com base no programa SPSS 16,0 for Windows e no *InfoStat 2,0*.

Análise dos Resultados

A população em estudo é composta por 1735 enfermeiros dos CSP de 226 centros de saúde do Continente e Regiões Autónomas da Madeira e Açores. Estamos cientes de poder fazer a extrapolação dos resultados para os restantes profissionais de enfermagem dos CSP.

As respostas obtidas através do instrumento de recolha de dados, devem ser tomadas como respostas tendencialmente adequadas ao que o inquirido espera que seja a resposta profissional, social e politicamente mais corretas.

Assim a análise dos resultados sugerem que dos 1735 enfermeiros que participaram no estudo (93,3%) são do sexo feminino e (6,7%) do sexo masculino, portanto uma profissão exercida maioritariamente por mulheres. A idade dos enfermeiros inquiridos varia de um mínimo de 22 a um máximo de 68 anos, com uma moda nos 39 anos. A distribuição das idades apresenta uma configuração assimétrica positiva, significando que a profissão de enfermagem dos CSP é relativamente jovem; tendo uma média de idades de 37,3 anos.

Constatamos ainda que (54,1%), dos enfermeiros vivem em meio urbano e (45,9%), em meio rural, (46,3%), vivem no interior e (46,2%), residem no litoral, ainda (4,2%) vivem na Madeira e (3,3%) residem nos Açores. A maior parte (79,9%), dos enfermeiros inquiridos, frequentou o ensino público. Relativamente à categoria profissional, (17,3%) são enfermeiros, (62,8%) enfermeiros graduados, (15,9%) são enfermeiros especialistas e (4%) são enfermeiros chefes. O tempo de exercício profissional dos enfermeiros varia de 1 a 44 anos, sendo o tempo mais frequente de 12 anos. A maior parte (75%), dos inquiridos é casada, (28,7%) tem filhos adolescentes, (10,1%) lida habitualmente com adolescentes e o grupo etário (jovem) que mais frequenta o centro de saúde em (85,2%) dos casos é o grupo entre os 15 a 20 anos, sendo a rapariga quem mais frequenta em (85,9%) das consultas.

Consideramos de extrema importância esta constatação, dos enfermeiros (67,3%), consideram que a sua escola não lhes proporcionou formação adequada sobre sexualidade.

Segmentando o estudo da formação dos enfermeiros sobre sexualidade em função da escola frequentada, e mercê das sub-regiões de saúde, onde exercem atividade, constatamos que os enfermeiros das Sub-regiões de Saúde dos Açores (56,1%), Viana do Castelo (48,8%), Porto (41,6%), Madeira (38,4%), Lisboa (35,4%), Guarda (34,7%) e Castelo Branco (32,7%) apresentam

uma proporção (superior à média nacional para a população inquirida) de enfermeiros que dizem ter recebido formação adequada sobre sexualidade na escola frequentada.

A mesma análise replicada segundo as Regiões de Saúde (ARS), permite ver que os enfermeiros associados às Regiões de Saúde: Norte (36,3%), Açores (56,1%) e Madeira (38,4%) sugerem que a sua escola lhes proporcionou formação adequada sobre sexualidade; enquanto que os enfermeiros das restantes Regiões de Saúde (ARS) são de opinião contrária. Pela aplicação do teste de *Qui-Quadrado*, por simulação de Monte Carlo, podemos concluir que a adequação da formação sobre sexualidade recebida pelos enfermeiros na sua formação base não é significativamente independente das sub-regiões ($p < 0,001$), nem das Regiões de Saúde (ARS) ($p < 0,001$), onde exercem atividade.

H_1 : A formação sobre sexualidade proporcionada pela escola aos inquiridos é influenciada pela idade, sexo e tipo de escola frequentada.

Os enfermeiros que receberam formação sobre sexualidade na sua formação base são sobretudo enfermeiros com 22-30 anos e provenientes de escolas privadas.

Com base no teste de *Qui-Quadrado* como ($p < 0,01$) podemos inferir que a formação sobre sexualidade proporcionada aos enfermeiros inquiridos não é significativamente independente do tipo de escola frequentada durante a sua formação de base. Dos enfermeiros oriundos do ensino privado (40,5%), obtiveram formação sobre sexualidade no seu curso de formação contra (30,8%) do ensino público.

Para avaliar a significância da idade, sexo e do tipo de instituição (Variáveis Independentes) sobre a probabilidade de o enfermeiro não ter recebido formação sobre sexualidade no seu curso (Variável Dependente), recorreu-se à regressão logística pelo método *Enter* e *Forward: LR-Likelihood Odds Ratio*. As variáveis Idade ($p < 0,001$) e Tipo de Ensino (1) ($p = 0,014$) apresentam efeito estatisticamente significativo sobre a probabilidade de o enfermeiro não ter recebido formação sobre sexualidade no curso. Assim, recorrendo ao método *Forward: LR-Likelihood Odds Ratio* ajustando-se um novo modelo, estatisticamente significativo com as variáveis Idade ($p < 0,001$; OR=2,736) e Tipo de Ensino ($p = 0,014$; OR=1,367).

Podemos concluir que um enfermeiro com 22-30 anos tem uma probabilidade 2,736 vezes maior de a sua escola lhe ter proporcionado formação sobre sexualidade que um enfermeiro de outra idade, 31-68 anos. Também inferir que um enfermeiro que provém de uma escola privada tem cerca de 1,367 vezes mais probabilidade de ter obtido na sua escola formação sobre sexualidade que um enfermeiro formado em escola pública.

H_2 : Possuir formação específica sobre sexualidade por parte dos inquiridos é influenciado pela idade, local de residência, habilitações, ter formação de base sobre sexualidade, ter filhos adolescentes, lidar habitualmente com adolescentes e ter formação específica para lidar com adolescentes. Pela análise do teste de *Qui-Quadrado*, como ($p = 0,081$), é interessante concluir que a existência de formação específica dos enfermeiros sobre sexualidade não depende da existência de formação sobre sexualidade no seu curso base.

Por sua vez, como ($p < 0,01$), podemos concluir que a existência de formação específica por parte dos enfermeiros inquiridos sobre sexualidade não é significativamente independente da idade, das habilitações literárias, do local de residência, e da existência de filhos adolescentes,

do hábito de lidar com adolescentes e de ter formação específica para lidar com adolescentes. Desta forma constatamos que a existência de formação específica sobre sexualidade está associada aos enfermeiros com 38-43 anos (16,9%) e com 44-68 anos (13,5%); aos enfermeiros com especialidade (28,4%) e com mestrado (35,3%); aos enfermeiros dos Açores (15,8%) e litoral (14,9%); aos enfermeiros com filhos adolescentes (17,7%), aos enfermeiros que lidam habitualmente com adolescentes (12,2%) e aos enfermeiros com formação específica para lidar com adolescentes (42,6%).

Discussão dos resultados

A sexualidade humana, é um dos domínios em que, de uma forma muito sublinhada, se encontram entrelaçados aspetos de ordem biológica, psicológica e sociocultural, cuja influência é determinante de atitudes e comportamentos (Prazeres 1998; Sampaio 2006; Sehnem et al. 2013). Os resultados em apreço no que concerne às variáveis sociodemográficas e formação dos enfermeiros, vêm de encontro aos dados do estudo realizado por Brás em 2002, que sugeriam o mesmo tipo de opinião.

Não obstante a situação da formação de base, uma análise mais detalhada dos dados sugere que a escola (academia), é mais tarde (através das especializações e mestrados) em termos relativos, responsável pela formação específica dos enfermeiros sobre sexualidade em (63,7%) dos mesmos. Contudo, na literatura de Enfermagem no Brasil, os estudos sugerem a falta de preparação dos enfermeiros para lidar com assuntos na esfera da sexualidade humana (Ferreira e Figueiredo 1997), evidenciando que os enfermeiros têm sido formados para lidar com os aspetos físicos e emocionais da doença, mas não com o desenvolvimento psicossocial dos seres humanos (Zalar 1982).

Um outro estudo realizado por Pelá et al. (1995) concluíram que apenas 25% da amostra estudada havia abordado a sexualidade humana na sua formação académica. Nós diríamos que, na maioria das escolas, esta lacuna persiste, visto não existir uma unidade curricular específica sobre sexualidade humana. Muito embora, algumas unidades curriculares abordem alguns aspetos da sexualidade, não proporcionam os subsídios suficientes para o enfermeiro no contexto da prática atuar nesta área.

Logo, se o enfermeiro não recebe informação para lidar com a sexualidade humana, muito provavelmente não identificará, na colheita de dados (avaliação inicial), informações relevantes sobre essa área, o que irá inviabilizar a aplicação do processo de enfermagem.

Conclusões/ sugestões

Os enfermeiros que receberam formação sobre sexualidade na sua formação de base, têm idades compreendidas entre 22-30 anos e uma probabilidade de 2,736 vezes maior de a sua escola lhes ter proporcionado formação sobre sexualidade que os enfermeiros com idades entre os 31 e 68 anos. São enfermeiros formados no ensino privado, com 1,367 vezes mais probabilidades de terem recebido formação sobre sexualidade que os formados em escola pública. Muito embora a abordagem da sexualidade, não aconteça, como devia nos cursos de formação de base, a formação específica sobre sexualidade adquire-se através das especializações e mestrados em 63,7% dos casos. Pelo que a formação específica sobre sexualidade está

associada aos enfermeiros com 38-43 anos (16,9%) e 44-68 anos (13,5%); aos enfermeiros com especialidade (28,4%) e mestrado (35,3%).

Mercê dos resultados obtidos, e porque muitos dos enfermeiros vão lidar habitual e diariamente com jovens adolescentes, sugerimos às escolas superiores de enfermagem, que reformulem os seus currícula no sentido de dar maior ênfase à componente da sexualidade. Porque consideramos que o desenvolvimento de competências para assistir o utente nesta área é responsabilidade das instituições formadoras, sugerimos que o assunto "sexualidade humana" seja abordado no curso de licenciatura em Enfermagem. A ausência, ou a sua incipiente abordagem, pode refletir-se na assexualização do cuidado, na impessoalidade das relações, na ausência de diálogo, nas emoções contidas, entre outras perguntas que podem vir à tona no âmbito do processo de tomada de decisão.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M.I. *Labirintos da sexualidade*. Porto: Porto Editora, 1996.
- BRÁS, M.A.M. *Razão e emoção a sexualidade do adolescente a perspectiva do profissional de enfermagem*. Porto: ICBAS, Universidade do Porto, 2002.
- BRÁS, M.A.M. *A sexualidade do adolescente: a perspectiva do profissional de enfermagem dos cuidados de saúde primários*. Porto: ICBAS, Universidade do Porto, 2008.
- BRÊTAS, J. R. S., OHARA C. V. S. e QUERINO I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Paul. Enferm.* 2008, **21**(4), 568-74.
- FERREIRA, M.A. e FIGUEIREDO, N. M. A. Expressão da sexualidade do cliente hospitalizado e estratégias para o cuidado de enfermagem. *Rev Bras Enf.* 1997, **50**(1), 17-30.
- GRANDE, N. A grande questão. In: *Jornal de Notícias*, 18 julho de 1999.
- MAIA, A. M., CAMPOS, I. e COSTA, O. Adolescentes e seus conhecimentos sobre a sexualidade. *Informar [Escola Superior de Enfermagem da Imaculada Conceição]*. 2001, **24**, 23-28.
- MOURA, L. S. A Adolescência e os seus problemas. *Revista Nascer e Crescer*. 1992, **1**(3), 151-154.
- NAVARRO, M. F. *Educação e saúde: Modelos de intervenção em saúde na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário*. Lisboa: PES, 1995.
- PELÁ, N. T. R., MELO, A. S., SANTANA, W. M. S. e NHAMBA A. L. A sexualidade humana no contexto da assistência de enfermagem. *Rev Bras Sexual Humana*. 1995, **6**(1), 99-113.
- PRAZERES, V. *Saúde dos adolescentes princípios orientadores*. Lisboa: Direção Geral da Saúde, 1998.
- QUIVY, R. e COMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grádiva, 1992.
- SAMPAIO, D. *Lavrar o mar*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.
- SEHNEM, G. D., RESSEL, L. B., JUNGES, C. F., SILVA, F. M. e BARRETO, C. N. A sexualidade na formação académica do enfermeiro. *Esc. Anna Nery*. 2013, **17**(1), 90-96.
- SERRÃO, D. e NUNES, R. *Ética em cuidados de saúde*. Porto: Porto Editora, 1998.
- YOUNG, I. et al. *Promover a saúde da juventude europeia*. Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde, 1995.
- ZALAR, M. K. Role preparation for nurses in human sexual functioning. *Clin North Am*. 1982, **17**(3), 351-363.